

A J U D A - T E

Se queres conforto e paz
Nunca repreves ninguém.
Se buscas os bens do Céu,
Começa fazendo o bem.

No campo da humanidade
Não colherás a alegria,
Sem plantar com toda gente
A graça da simpatia.

Ajuda-te! Em toda parte,
Bondade é sol que abençoa.
Planta nobre não prospera
Sem bases na terra boa.

Caridade, gentileza,
Auxílio, calma e perdão
São das preces mais sublimes
Em teu altar de oração.

Recorda que em toda vida,
Conforme a nossa procura,
O Criador nos responde
Nos gestos da criatura.

CASIMIRO CUNHA

TENDO MÉDO...

"E, tendo medo, escondi na Terra o
teu talento..."

Mateus, 25-25

Na parábola dos talentos, o servo negligente atribui ao medo a causa do insucesso em que se infelicita.

Recebera mais reduzidas possibilidades de ganho.

Contara apenas com um talento e temera lutar para valorizá-lo.

Quanto aconteceu ao servidor invigilante da narrativa evangélica!

Há muitas pessoas que se acusam pobres de recursos para transitar no mundo como desejariam. E recolhem-se à ociosidade, alegando o medo da ação.

Médio de trabalhar.

Médio de servir.

Médio de fazer amigos.

Médio de desapontar.

Médio de sofrer.

Médio de incompreensão.

Médio da alegria.

Médio da dor.

E alcançam o fim do corpo, como sensitivas humanas, sem o mínimo esforço para enriquecer a existência.

Na vida, agarram-se ao medo da morte.

Na morte, confessam o medo da vida.

E, a pretexto de serem menos favorecidos pela natureza, transformam-se, gradativamente, em campeões da inutilidade e da preguiça.

Se recebeste, pois, mais rude tarefa no mundo, não te atemorizes à frente dos outros e faze dela o teu caminho de progresso e renovação. Por mais sombria seja a estrada a que foste conduzido pelas circunstâncias, enriquece-a com a luz do teu esforço próprio no bem, porque o medo não serviu como justificativa aceitável no acerto de contas entre o servo e o Senhor.

EMMANUEL

NA LUZ DO BEM

Em plena cova escura,
Desce a mão generosa
Do operário do pão...

Enquanto se faz êle
Condutor da semente,
Recebe sóbre o rosto
Os borrifos do charco.

E vermes asquerosos
Que residem no pântano
Atiram-se-lhe aos dedos,
Tentando corromper-lhe
O sangue nobre e puro.

Mas, longe de temer
Os golpes da maldade,
Enxuga, forte e humilde,
Os salpicos de lama...
E, suando, a cantar,
Prossegue em seu trabalho,
Porque sabe e confia
Que a semente, amanhã,
Será beleza e flor,
Ramaria e alimento,
Para a vida abundante
A estender-se na Terra...